UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Paulo Freire

Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais

Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais

Nzinga.Com

Gênero, sexualidade e relações étnico-raciais na escola

Hiram Campos Rodrigues

.

Teixeira de Freitas, Bahia.

2019

Hiram Campos Rodrigues

Nzinga.Com

Gênero, sexualidade e relações étnico-raciais na escola

Memorial final da elaboração do produto didático apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia, sob orientação do Prof. Dr. Francisco Nunes, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais.

.

Teixeira de Freitas, setembro de 2019.

HIRAM CAMPOS RODRIGUES

MEMORIAL FINAL DA ELABORAÇÃO DO PRODUTO DIDÁTICO

Memorial final da elaboração do produto didático apresentado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia como requisito parcial para qualificação e obtenção do título de Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais.

Teixeira de Freitas-Ba, 17 de setembro de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Antonio Nunes Neto
Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB
Orientador

Profa. Dra. Janine Marinho Dagnoni
Examinadora

Prof. Dra. Rebeca Valadão Bussinger
Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB
Examinadora

Dedico este memorial a todos aqueles que sofreram e sofrem em suas escolas apenas por serem o que são. A todos cuja condição existencial foi vítima de uma das piores violências, a discriminação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Francisco Nunes, pela confiança que depositou no meu potencial e por saber me conduzir da maneira mais acertada no sentido de extrair de mim o que de melhor eu pudesse oferecer para o ensino das relações étnico-raciais. Obrigado pela compreensão demonstrada desde o início da pesquisa, que culminou com o produto que aqui se apresenta, pelas orientações que tanto contribuíram para que eu encontrasse o caminho a percorrer. Sou grato por tê-lo comigo nesta caminhada e feliz por ter sido seu orientando e poder ter aprendido com seu jeito forte, sua sinceridade e sua inteligência.

A Édila Coswoski por sempre ter me incentivado a ir em busca dos meus sonhos e sempre que possível ter me dado suporte através de suas orientações e amizade. Você é e sempre será uma pessoa especial em minha vida e uma amiga querida, que agradeço por sempre ter depositado sua confiança em mim em qualquer situação.

À Universidade Federal do Sul da Bahia, *campus* Paulo Freire e à coordenação e corpo docente e administrativo, agradeço por todo apoio nestes anos de caminhada. Agradeço aos colegas Ananda Luz, Bruno Duque, Raíssa Félix e Bruno Duque do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER/UFSB), pelo mais puro coleguismo nas diversas situações nas quais precisei.

Agradeço às minhas avaliadoras Janine Marinho Dagnoni e Rebeca Valadão Bussinger que se dispuseram a compartilhar o seu saber comigo desde a segunda qualificação até a defesa. Sou realmente grato pelos horizontes abertos por vossa sabedoria e conhecimento através das sugestões, que sei, foram oferecidas de coração no intuito de promover a melhoria no meu produto.

Ao meu pai Antônio Sá Rodrigues que mesmo não estando presente nesta etapa da minha vida deixou em mim muito de sua bondade e senso de justiça me fortalecendo para continuar lutando a cada dia por meus objetivos e por uma justiça social para todos que o meu trabalho possa alcançar.

SUMÁRIO

1. Introdução **7**
2. A abordagem escolar sobre sexualidade **9**
2.1 Pressupostos teórico-metodológicos 11
2.2 Os encontros de formação de professores 12
3. Nzinga.com: o produto final **19**
3.1. O percurso até o Nzinga 20
3.2 Por que um site? 22
3.3 Pesquisa e seleção dos textos, imagens e áudios do nzinga.com 25
4. O Nzinga.COM e a promoção do ensino das relações étnico-raciais **28**
5. Considerações Finais **33**
Referências **35**

1. Introdução

As escolas e outras instituições perpetuam discursos hegemônicos sobre gêneros, sexualidades, etnias e raças por isso torna-se importante refletir com os profissionais da educação para se buscar uma compreensão crítica sobre os discursos e práticas relacionados com estas temáticas e suas implicações na sociedade para que novas práticas pedagógicas possam ser elaboradas.

A escola é um espaço para a discussão de temas como gênero, sexualidade e relações étnico-raciais, pois, atua na formação de sujeitos e suas identidades de acordo com os códigos e regras estabelecidos social e culturalmente, além de contestar ou conservar valores.

O que significam as palavras gênero, raça, etnia? O que elas representam para os nossos alunos? A aparência das pessoas, a orientação sexual, a cor da sua pele, tem algo relacionado com discriminação e exclusão? Só quem sofre a discriminação deve pensar estes problemas, ou deve ser algo discutido, comentado e analisado no âmbito escolar?

Segundo Jeffrey Weeks (1999), a sexualidade envolve uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas. A escola atua reforçando crenças e comportamentos, no entanto, na maioria das vezes, fortalecendo ideias heterossexistas, racistas e que podem gerar inúmeros problemas nas vidas dos que não se encaixam em padrões pré-determinadas de cor, sexualidade e outros comportamentos.

É importante estarmos atentos, como educadores, a questões afetas ao gênero e à sexualidade que são silenciadas ou referidas apenas a partir daquilo que é representado como sendo o normal, o desejável, o aceitável, (GOELLNER, 2009). A questão da sexualidade e do gênero, também deve ser discutida atrelada à questão étnico-racial, já que vivemos em um país que objetifica a mulher negra e que preconceitua o homem negro homossexual, que não atende ao imaginário do negro viril, forte e másculo.

Devido aos marcadores identitários reforçados nas escolas, muitos sujeitos têm sido excluídos do ambiente escolar, seja pela cor da pele, condição financeira ou sexual e faz-se necessária uma intervenção para que se desenvolvem reflexões que

extrapolem o determinismo biológico e o reducionismo binário de gênero e a manutenção do preconceito em nossas práticas pedagógicas.

É importante lembrar que a educação sexual escolar aborda tradicionalmente os fenômenos puramente biológicos, estudando características fisiológicas e anatômicas envolvidas com a expressão da sexualidade humana. No entanto, Segundo Souza (2007), a mesma deixa de abordar aspectos sócio/histórico/culturais que se inscrevem constantemente nas experiências dos indivíduos.

Uma das dificuldades que se tem em identificar discriminações no ambiente escolar é o fato de o mesmo ser frequentemente negado ou trivializado a ponto de ser considerado brincadeira entre colegas. Assim as crianças e jovens não veem suas atitudes na escola como racistas e os professores não “treinam seus olhos” para inibir comportamentos de exclusão étnico-raciais ou de gênero.

Para Louro (2005, p. 86), “homens e mulheres não se constituem, apenas por sua identidade de gênero, mas também por sua identidade de classe, de raça, de etnia, de sexualidade, nacionalidade, idade... homens e mulheres são, ao mesmo tempo, muitas ‘coisas’”. Essas “muitas coisas”, muitas vezes são desconsideradas na lógica dicotômica escolar que interpela e exclui aqueles que não se enquadram em padrões pré-determinados de ser e estar no mundo.

Assim, o site Nzinga.com, cujo processo de pesquisa e concepção é descrito neste memorial que contempla a trajetória que passa pelos componentes curriculares, escritas, escolha de conteúdos, preparação do site e intercâmbio de saberes em eventos, se baseia na busca pelo oferecimento de um produto educacional ancorado em uma perspectiva que além do biológico que englobe o olhar social e étnico-racial no tratamento das questões relacionadas com sexualidade, gênero, exclusão e permanência do aluno gay negro na educação básica.

Concebo este memorial revisitando as práticas, os sentimentos e as percepções obtidas durantes esta caminhada que por muitas vezes transformou meu olhar sobre o mundo e sobre a educação. Nesta escrita pude rever minhas falhas, desconstruir conceitos e perceber a beleza do aprendizado que se dá com a construção conjunta de saberes.

2. A abordagem escolar sobre sexualidade

A escola é corresponsável pela manutenção e pelas hierarquizações geradas a partir da ideia de masculino e feminino. Nos seus instrumentos oficiais e subliminares as atividades, estigmatizantes ou não, orientam avaliações e cobranças em torno dos sujeitos (GARCIA & SILVA, 2010). É neste jogo de avaliações, que várias identidades sexuais são marcadas por preconceitos, como por exemplo gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Neste contexto, a escola pode acabar excluindo aqueles que não se adaptam aos comportamentos heteronormativos.

O ambiente escolar possui um arsenal que regula não só a sexualidade, mas também o gênero. As disposições heteronormativas voltam-se a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única sequência sexo-gênero-sexualidade: a centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero, as quais, fundamentadas na ideologia do “dimorfismo sexual”, agem como estruturadoras de relações sociais e produtoras de subjetividades (BUTLER, 2003).

Não é por acaso que o heterossexismo e a homofobia agem aí, entre outras coisas, instaurando um regime de controle e vigilância não só da conduta sexual, mas também das expressões e das identidades de gênero, como também das identidades raciais (JUNQUEIRA, 2012). Tanto a homofobia quanto o heterossexismo devem ser desestabilizados dos dispositivos de normalização escolar e do disciplinamento heteronormativo no sentido de favorecer uma educação que seja efetivamente inclusiva.

Pessoas identificadas como dissonantes em relação às normas de gênero e à matriz heterossexual serão postas sob a mira preferencial de uma pedagogia da sexualidade (LOURO, 1999) geralmente traduzida em insultos por meio de piadas, ridicularizações, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes e desumanizantes. Tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais que tem sido um constante na rotina escolar de muitas pessoas.

O gênero é considerado nas escolas brasileiras de uma forma dicotômica que delimita as diferenças entre os sexos de forma simples (homem e mulher) (GARCIA & SILVA, 2010). No que tange à sexualidade, essa suposição implica uma visão heterossexual das relações entre os sexos. Masculinidades e feminilidades são reduzidas às diferenças anatômicas, ao sexo biológico, desconsiderando a

necessidade e o reconhecimento de outras formas de expressão da sexualidade além da heterossexual. Além disso, etnia, classe social e outros marcadores sociais, são desconsiderados nesta lógica dicotômica.

A escola atua na questão na imposição de gênero quando a mesma busca disciplinar os corpos desses/as alunos/as, a fim de torná-los/as cada vez mais dóceis e úteis, determinando maneiras de definir e viver as masculinidades e feminilidades (LOURO, 2008). Para tanto, faz se necessário desconstruirmos os diversos atributos sociais definidores de masculinidade e feminilidade –comportamentos, falas, gestos, condutas e posturas – que, ao serem inscritos nos corpos, passam a ser tidos como próprios da essência do homem e da mulher.

Para Foucault (2005), “os alunos são alvos de intervenção, sendo vigiados, treinados, limitados, corrigidos etc. e, quando necessário, esses corpos também são punidos, a fim de ajustar tudo que está fora das regras impostas, ou seja, diminuir ao máximo os desvios, tornando esses corpos cada vez mais eficientes”. Ainda segundo este autor, “A ordenação por fileiras, no século XVII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar”. Assim, os/as alunos/as são distribuídos/as em filas de meninos e de meninas, do/a maior para o menor, do/a mais agitado/a para os mais quietinhos/as. Desse modo, os/as alunos/as são classificados/as o tempo inteiro na escola, aprendendo os lugares que devem ocupar. Nesse caso, meninos e meninas devem estar separados.

Nos diversos outros lugares de convivências, os meninos e meninas escolares podem jogar, brincar, conversar e podem escolher com quem irão realizar estas atividades. Para Louro (2008, p. 78), “a situação de escola muitas vezes favorece o agrupamento das crianças por gênero, mais do que ocorre nas amizades de vizinhanças ou nos *playgrounds,* onde grupos mistos são frequentes”.

Assim, é possível inferir que a escola, como outras instituições, participa na produção das feminilidades e masculinidades. Todavia, essa instância social tem sido um local de destaque na produção das identidades (de gênero, sexuais, de etnia, de classe...), pois, muito mais do que transmitir conhecimento, ela influencia na construção dos sujeitos e sua atuação deve ser repensada no sentido da promoção de uma educação que inclua a diversidade de indivíduos que compõe essa esfera social.

2.1 Pressupostos teórico-metodológicos

Professores e professoras dispostos a tratar dos temas de gênero e sexualidade na escola, em articulação com o campo dos direitos humanos, precisam estar preparados, pois as polêmicas que envolvem o assunto são enormes. Por outro lado, conforme já debatido, esta é uma tarefa mais do que necessária de ser feita pela escola hoje em dia. O primeiro passo é ampliar a compreensão dos conceitos de gênero, sexualidade, pedagogias do gênero e da sexualidade. Para isso, recomenda-se a leitura de Scott (1995) e Louro (1997, 1999, 2000), dentre muitos outros autores que vem se debruçando sobre o tema. O passo seguinte é analisar a articulação entre as questões de gênero e sexualidade na escola e o campo dos direitos humanos, ou de uma educação em direitos humanos. Uma excelente leitura inicial são os "PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA - Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero", que afirmam em suas primeiras frases:

> Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Todos os direitos humanos são universais, interdependentes, indivisíveis e inter-relacionados. A orientação sexual e a identidade gênero são essenciais para a dignidade e humanidade de cada pessoa e não devem ser motivo de discriminação ou abuso. Muitos avanços já foram conseguidos no sentido de assegurar que as pessoas de todas as orientações sexuais e identidades de gênero possam viver com a mesma dignidade e respeito a que todas as pessoas têm direito (YOGAKARTA, 2006, p. 7)

Segundo Seffner (2004), os programas escolares foram pensados para alunos de classe média urbana, brancos, católicos, em geral do sexo masculino, e certamente heterossexuais e os jovens que não se enquadram nestes padrões, como é o caso dos negros LGBT's, acabam excluídos do sistema que deveria reforçar seu senso de pertencimento social e respeito, mas não o faz. Se a escola não fizer a diferença na vida dos que não se enquadram nestes padrões para que os mesmos se sintam incluídos, ela estará estimulando sua evasão.

Os estudantes homossexuais negros são, segundo Rosa (2006) "habitantes de dois mundos distintos, que são, ao mesmo tempo, dois tabus da sociedade brasileira, a homossexualidade e a raça. Além de serem mundos tabus, são face de uma sociedade fraturada e descontínua para o homossexual negro que existe de formas diferentes em cada um deles.

Estes jovens homossexuais negros são sujeitos, segundo Lima; Cerqueira (2007) “ enclausurados pela homofobia reproduzida no discurso cristão católico ou evangélico, pela política partidária, por grupos de homens heterossexuais que agridem e exterminam homossexuais, pelo desprezo dos grupos de negros para com a questão do homossexual negro, pela negação que sofrem entre familiares, trabalho e, principalmente por colegas de sala de aula”

A interseccionalidade que dificulta olhar o gay negro a partir de uma única identidade está ligada ao sistema de opressões que se organizam nas relações entre gênero, sexualidade e raça e que está atrelada ao jogo das identidades e diferenças que nos convida a refletir sobre a necessidade da educação para as relações étnico-raciais como aposta na problematização destas construções que interpelam determinados alunos (POCAHY, 2011).

É necessário que a sala de aula problematize as opressões sofridas pelo negro gay, pois a mesma tem a responsabilidade de romper preconceitos e discriminações a partir de outras formas de saber e conhecer que questionem a hegemonia branca e heterossexual passando a levar em conta as diferentes e múltiplas possiblidades de identidades (PARAÍSO, 2006).

Os currículos escolares não funcionam alheios a outros artefatos culturais que nos produzem como sujeitos. Os discursos que circulam em outras esferas da sociedade dialogam e influenciam na produção daquilo que é repassado no ambiente escolar (PARAÍSO, 2006). Neste sentido, é latente a necessidade de pensarmos um currículo que fuja das possiblidades apresentadas nas quais o branco heterossexual é protagonista nas relações em detrimento daqueles que não atendem a essas características e que são oprimidos e muitas vezes forçados a abandonar um ambiente que não os representa, como é o caso dos alunos negro e gays.

2.2 Os encontros de formação de professores

Como parte da estratégia metodológica praticada no sentido de obter dados para a criação do Nzinga.COM foram realizados encontros de discussão no âmbito da temática com os professores e professoras da educação básica e com estudantes de alguns cursos de licenciatura da Universidade do Estado da Bahia, Campus X, em Teixeira de Freitas. Os encontros de discussão serviram para determinar quais assuntos seriam mais urgentes para se abordar em um site que tratasse da questão

da sexualidade e do gênero na escola, abordando a intersecção de marcadores sociais e a evasão dos alunos discriminados.

Dentre os temas discutidos relacionados às relações étnico-raciais e sua ligação com a questão da sexualidade no ambiente escolar, apresentamos:

- Atuação da escola na produção de gênero;
- Ensino da sexualidade focado nos aspectos biológicos;
- A naturalização das diferenças no ambiente escolar;
- Androcentrismo, homofobia, transfobia e lesbofobia no ambiente escolar;
- O currículo e a exclusão das diversidades;
- Repensando as atitudes dos professores;
- Rendimento escolar dos que são alvo de preconceito e discriminação;
- Marcadores sociais de raça, etnia desconsiderados na lógica dicotômica sexual escolar;
- Relações étnico-raciais e ensino: sexualidade e negritude na escola.

Os professores discutiram os temas apresentados e informaram que identificavam muitos dos tópicos em questão com acontecimentos ocorridos em suas práticas docentes. Foi discutida a atuação da escola na produção de gênero e os educadores disseram concordar que a escola classifica os alunos o tempo todo, desde quando os distribui em filas de meninos e meninas, até o momento que separa os banheiros que meninas e meninos podem usar, sem pensar na questão das crianças transgêneras, passando por outras formas de separação por gênero.

Os professores afirmaram que grande parte da educação sexual nas escolas é voltado para o controle dos corpos femininos, porém, antes dos encontros de discussão, segundo o relato destes professores, os mesmos não haviam pensado que isso seria fruto de uma questão histórica de silenciamento da sexualidade feminina. Quanto ao currículo, os mesmos relataram a necessidade de materiais que possam auxiliá-los no trabalho com a diversidade em suas turmas, pois afirmaram que têm sim dificuldades em lidar com o diferente.

Foi proposta uma atividade de reflexão sobre suas práticas pedagógicas e foi recompensador ver os mesmos admitindo que muitas vezes reforçaram, sem ter consciência, a lógica binária que impõe que o masculino e feminino devem mostrar atitudes “condizentes” com o sexo biológico e que descarta outras manifestações de

identificação de gênero. Muitos afirmaram ter noção de que o aluno que possui trejeitos taxados como femininos sofre muito preconceito, não só na sala de aula, mas em todo o ambiente escolar e também relataram que quando o aluno gay é também negro este preconceito é maximizado e reforçado.

Ao longo dos encontros problematizamos os objetivos e as determinações da Lei 10.639/03, marco legal que reflete uma vitória do movimento negro na luta contra o racismo e o papel da escola como transmissora não de uma parte figurativa que aborda apenas a escravidão, o tráfico de escravos, o abolicionismo, e só, mas uma escola que possa discutir as relações étnico-raciais com todas as nuances e frutos que o colonialismo trouxe para as vivências atuais dos indivíduos negros em nossa sociedade e no ambiente escolar.

Muitos temas pertencentes à questão das relações étnico-raciais já se encontram sendo debatidos nas salas de aula do Brasil. A prática de capoeira, samba ou hip hop, religiões como umbanda ou candomblé, a estética negra, exemplos de negros em posições de sucesso, comentários sobre o 20 de novembro, ofensas de cunho racial, entre outras, são assuntos que já são debatidos na educação básica, segundo os relatos dos professores participantes. No entanto, pouco se fala da questão dos alunos negros gays que não se enquadram nas normas de gênero reforçadas pelo currículo escolar.

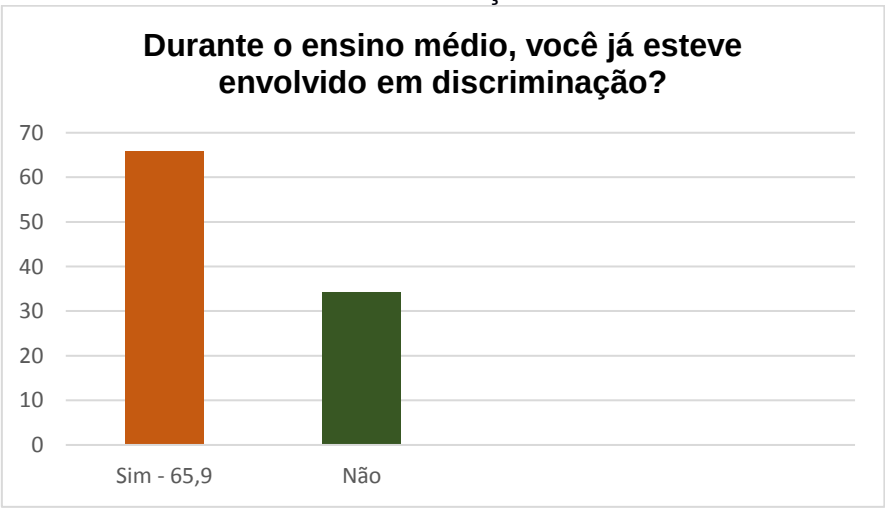
Foi possível notar que os professores já têm consciência que os alunos negros e gays sofrem maior preconceito na educação básica, não se tratando assim, de um tema estranho para os mesmos. No entanto, é um assunto que espera para ser abordado no que tange às relações étnico-raciais, que geralmente trabalham a questão da sexualidade dissociada da questão da homossexualidade negra. Nzinga. COM se desenvolveu em torno desta temática de intersecção de negritude e homossexualidade que são marcas que, numa sociedade supremacista branca e heteronormativa, a exemplo da nossa, podem levar as crianças e adolescentes a experimentarem um imenso sofrimento de ordem psíquica e de outras ordens que podem conduzir à sua evasão deste meio que se apresenta tão hostil para os mesmos.

As informações inseridas no site Nzinga.Com surgem das questões e debates trabalhados nos encontros de discussão que se constituíram como atividades da pesquisa de campo sobre a vivência destes professores em sala de aula no que se refere aos alunos negros e gays que sofrem preconceito cruzado por suas condições. É importante ressaltar que os professores e alunos para os quais foram aplicados os

cursos de formação também opinaram desde o início da construção do Nzinga.COM através do questionário eletrônico cujo tema foi “ Discriminação por etnia e sexualidade nas escolas” e que contou com a participação de 303 participantes..

O questionário eletrônico disponibilizou inúmeras perguntas, dentre elas: “Durante o Ensino Médio, você já esteve envolvido em discriminação? ”, “Durante o tempo em que você sofreu discriminação (como vítima, autor, espectador, ou testemunha ocular), você pediu ajuda a seus professores ou à administração de sua escola?”, “Caso tenha respondido “Sim” na pergunta anterior, os (as) professores (as) e/ou administradores da escola lhe ajudaram? Como?” “Na sua opinião, quais são os motivos mais comuns das práticas de discriminação contra os jovens negros gays?” “Na sua opinião, quais poderiam ser as estratégias para conter qualquer tipo de discriminação nas escolas?”. Os questionamentos foram colocados em gráficos e as respostas foram utilizadas como objeto de análise e pesquisa dos materiais que seriam colocados no site e que pudessem servir para a prática docente voltada para o trabalho de combate à discriminação de gênero e etnia como forma de permanência e valorização de alunos vítimas de discriminação, principalmente os gays negros.

Gráfico 1: Pergunta a respeito do envolvimento dos participantes em casos de discriminação.

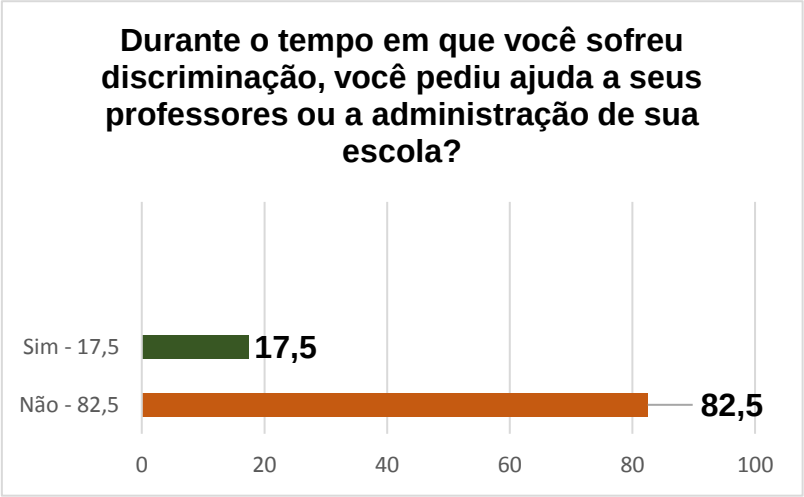


Fonte: Arquivo pessoal

A porcentagem de pessoas que afirmaram já terem se envolvido em episódios de discriminação durante o ensino médio, dentre as pessoas que responderam ao questionário, por si só já demonstra que são muitos os episódios de discriminação no ambiente escolar e a pesquisa realizada para a construção do Nzinga.COM indica que

quando se trata do estudante gay e negro a porcentagem destes episódios é, relativamente, maximizada. O gráfico 2 descreve a porcentagem dos atores envolvidos nos processos de discriminação que recorreram à escola.

Gráfico 2: Discriminação e auxílio da escola



Fonte: Arquivo pessoal

No questionamento sobre o pedido de ajuda nos casos de discriminação na escola, notou-se que 82,5% dos entrevistados disseram que não procuraram seus professores ou a administração da escola para relatar o acontecido. Este fato direcionou o processo de pesquisa e investigação na construção do Nzinga.COM a tratar da questão da abertura da escola para o diálogo a respeito das discriminações.

Foram inúmeros os motivos, segundo as pessoas que responderam ao questionário, que podem ser os os desencadeadores das práticas de discriminação contra os jovens negros gays e estas respostas também foram objeto de análise para a construção do site Nzinga.COM.

No questionamento referente aos motivos para a discriminação contra jovens estudantes negros gays, muitas foram as respostas que associaram as práticas discriminatórias ao machismo e já foi possível notar que os jovens que responderam ao questionário têm consciência da maximização do sofrimento imposto pelo preconceito quando se trata do jovem negro LGBT no ambiente escolar.

Um outro aspecto notado nas respostas ao questionamento acima referido diz respeito ao fato de que as mesmas pareceram convergir para o entendimento de que estes comportamentos possuem traços históricos de preconceito e discriminação que

fazem parte da sociedade brasileira.

As experiências marcantes com relação à discriminação no ambiente escolar também foram objetos de abordagem tanto nos cursos e minicursos aplicados durante o mestrado quanto nas perguntas disponibilizadas no questionário eletrônico e neste sentido todos os participantes da pesquisa responderam que já presenciaram ou participaram de algum tipo de discriminação no ambiente escolar. Foram obtidas respostas como:

"Estava eu, minha colega lésbica. Ela começou a discutir com um colega de sala da gente, e ele ao se ver sem o que fazer partiu pra ofensa. Começou a chama-la de sapatão, eu ao ver a situação entrei para acabar com aquilo, mas acabei tomando as dores da minha amiga e quase brigamos fisicamente".

"Meu sobrinho foi surrado por ser gay"
"Um amigo foi ignorado em um restaurante por ser negro e gay".

Tanto o referido questionário, quanto os cursos de formação para professores forneceram material para a pesquisa e seleção dos materiais didáticos que estão disponíveis no site Nzinga, que ainda teve como fontes sites, redes sociais, livros, artigos, depoimentos e todas as fontes que puderam ser úteis na construção de um material educativo e reflexivo.

Figura 1: Curso de formação de professores na Uneb.

Fonte: Arquivo pessoal

Além dos cursos de formação, a participação em eventos também serviu para reforçar o entendimento da necessidade de um produto que abordasse a sexualidade e o gênero atrelados à questão racial. Neste sentido, destaco a atuação no I Seminário Regional de Ensino e Relações Étnico-Raciais - Mulheres, culturas e políticas: diálogos interseccionais, memória, poder e resistências no sul baiano, PPGER/UFSB, quando apresentei o trabalho “Jovens negros LGBTs no ambiente escolar: como trabalhar a sexualidade na perspectivas das relações étnico-raciais”, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER), na Universidade Federal do Sul da Bahia, em Teixeira de Freitas/BA. Este contato com os acadêmicos participantes dos cursos ampliou a visão quanto a questões raciais que também necessitavam ter sua abordagem no site Nzinga.Com, pois estas não se dissociam da questão da discriminação sofria pelo gay negro no ambiente escolar.

3. Nzinga.com: o produto final

O *site* Nzinga é um produto que resulta da pesquisa de campo realizada através de seminários de formação que possibilitaram conhecer os relatos dos professores sobre as vivências discriminatórias em sala de aula, e ao mesmo tempo discutir as questões étnico-raciais que reforçam os preconceitos nestes ambientes.

O modo de caracterizar um trabalho de conclusão através do oferecimento de um produto para a educação estabelece uma diferença entre o mestrado acadêmico e o mestrado profissional. Ribeiro (2005) refere que a diferença entre as duas modalidades de curso é o foco de atuação. O mestrado acadêmico tem como propósito a formação de pesquisadores, enquanto o mestrado profissional qualifica para o mercado de trabalho.

O mestrado profissional em relações étnico-raciais proporcionou uma forte base teórica para que o mestrando pudesse desenvolver um produto com foco absoluto no tema em questão e foi assim que surgiu a ideia do site “Nzinga”, que tem como objetivo principal o oferecimento de referências, conteúdos e artigos para professores da educação básica trabalharem com a questão de gênero e das relações étnico raciais.

Na busca por base teórica para a criação do curso, a disciplina de gênero e sexualidade forneceu vários artigos que tratavam dos temas e conceitos necessários para a elaboração de um material elucidativo que pudesse ser apresentado para os professores da educação básica, e assim, conceitos como gênero, sexualidade, orientação, tansexualidade, dentre outros puderam ser apresentados e debatidos com os professores nos seminários que foram utilizados como método de pesquisa de campo para obtenção de dados que compuseram o produto final.

Para o mestrado profissional faz-se necessária a elaboração de um produto com aplicabilidade no sistema de educação e sua relação com a pesquisa aplicada, como é o caso do site Nzinga.Com, que ligado com a pesquisa no campo das relações étnico-raciais busca abordar o tema do projeto de forma prática e educativa. Em um mestrado profissional, de acordo com Moreira (2004), um trabalho de conclusão de curso deve ser o resultado de uma pesquisa, por isso, o site deve ir se aprimorando à medida que vão se aprofundando os estudos sobre o tema.

O produto em questão visa se tornar um material que possa ser utilizado por outros profissionais. Essa caracterização feita por Moreira (2004) descreve em linhas

gerais o que hoje se denomina produto educacional. Pretende-se com essa modalidade de trabalho aproximar a pesquisa desenvolvida no âmbito de um curso de pós-graduação à realidade escolar.

É neste sentido que não só a elaboração do site, mas o caminho percorrido através dos seminários de formação, que serviram para a construção do mesmo, visam proporcionar vivências por meio dos relatos dos episódios de discriminação dupla e cruzada sofrida pelo aluno *gay* e negro.

Através desta educação não formal, que questiona, obtém relatos e compartilhamento de experiências pode-se pensar a ação na participação social, no aprendizado e no ato de compartilhar e trocar saberes. Além disso, este compartilhamento de experiências pode auxiliar na construção de relações étnico-raciais baseadas em princípios de igualdade e justiça social.

3.1. O percurso até o Nzinga

Ao concorrer a uma das vagas no Processo de Seleção para Alunos Regulares do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais vi aí a possibilidade de conciliar temas e questões referentes a gênero e raça buscando, a princípio, analisar as dificuldades que as pessoas negras e gays atravessam para terem os seus direitos humanos.

No decorrer dos encontros com o orientador, percebi que poderia me dedicar ainda mais às discussões a respeito da intersecção de marcadores sociais e seus resultados na escola. Ao delineamos o objeto da pesquisa, nos dedicamos a tentar melhor entender as questões relativas à condição de ser negro e gay no contexto da escola básica. Através dos encontros de formação que se constituíram como etapas da realização da pesquisa de campo realizada com professores e professoras da educação básica em Teixeira de Freitas, assim como entre estudantes de alguns cursos de graduação em licenciatura da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) nesta cidade, percebemos ser urgente a promoção de atividades formativas sobre o tema aqui em análise para o desenvolvimento de uma consciência de respeito em relação àqueles que são alvos das inúmeras formas de manifestação de preconceitos e discriminações: negros, pobres e gays.

Do ponto de vista teórico-metodológico, ao longo da realização da pesquisa de campo e da elaboração do produto didático, passamos a dialogar com os temas e as

questões apresentadas nos trabalhos de LUCION (2011), JEFREY WEEKS (1999), GOELLNER (2009), LOURO (2008) e BUTTLER (2003).

O referencial teórico que atravessa todo o meu trajeto de formação e qualificação no mestrado, norteia a construção do produto, no que diz respeito às ideias discutidas por autores como Lucion (2011), ideias estas que se ancoram na abordagem que o mesmo traz a respeito da homofobia na escola pública, colocando em debate a questão da escola pública e falta do diálogo que contemple a questão da diversidade. Para este autor, quando se trata de diversidade sexual o índice do diálogo a respeito do assunto desaparece e contribui para o reforço da segregação e da exclusão.

O trabalho de Jeffrey Weekes (1999) é sobre o reforço feito pela escola a crenças e comportamentos heterossexistas e racistas. Para este autor, a sexualidade envolve uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas.

Goellner (2009) argumenta sobre a importância de os educadores estarem sempre atentos às questões de gênero e enfoca a importância de os mesmos atentarem-se às questões relativas a gênero e a sexualidade, estas, silenciadas ou referidas apenas a partir daquilo que é representado como sendo o normal, o desejável, o aceitável.

Louro (2008, p. 12) problematiza questões de gênero atreladas à classe, raça e etnia. A autora argumenta que “homens e mulheres não se constituem, apenas por sua identidade de gênero, mas também por sua identidade de classe, de raça, de etnia, de sexualidade, nacionalidade, idade... homens e mulheres são, ao mesmo tempo, muitas coisas”. É sobre esta perspectiva que vai além do biológico e engloba o olhar social e étnico-racial que o Nzinga.COM pretende problematizar a sexualidade no ambiente escolar atrelada aos marcadores sociais da diferença que somados constituem objeto de evasão.

O site também se baseia nas questões teórico-metodológicas elaboradas por Buttler (2003), que nos mostra o arsenal que a escola utiliza para regular a sexualidade e o gênero no momento em que o currículo, os procedimentos de ensino, as teorias, a linguagem e os materiais didáticos não refletem as diferenças de gênero, de sexualidade, de classe e de etnia, e ainda promove a demarcação de lugares que ocultam o gênero feminino, a sexualidade homossexual, as etnias não eurocêntricas.

A criação e a elaboração do produto didático se constituem como etapas fundamentais para a sistematização e integralização da pesquisa. Dessa maneira, a ideia da criação de um site temático que funcionasse como estratégia metodológica tanto quanto como ambiente virtual para a obtenção de materiais didáticos que possam ser utilizados pelas professoras e pelos professores em situações de aprendizagem começou a se desenhar no meu horizonte. Um site que, a um só tempo, cumprisse o papel de orientar o trabalho docente no trato de temas e questões relativas a gênero e a sexualidade na perspectiva das relações étnico-raciais.

Assim sendo, o Nzinga.COM pode contribuir na promoção da reeducação das sociabilidades culturais no que tange ao ensino das relações étnico-raciais com foco na questão da interseccionalidade que é motivo de evasão do aluno gay negro na educação básica, como ambiente virtual que contribuirá no acesso conhecimento e para a promoção de discussões e reflexões sobre esta temática.

A formação e a qualificação obtidas no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais agregam conhecimentos que, sobre todos os aspectos, contribuem na minha atuação profissional. Desde o contexto da creditação, os temas e as questões que atravessamos em cada debate, me possibilitaram também voltar a refletir sobre a minha prática docente, inclusive, reeducando-me a aprender, ações de um processo que certamente contribuiu para o despertar de uma consciência profissional pautada no respeito a diversidade e dignidade humana.

3.2 Por que um site?

A sociedade do conhecimento e da informação exige que sejam oferecidas possibilidades de aprendizado que considerem os indivíduos por seus aspectos cognitivos, sociais e afetivos e que extrapolem o ambiente escolar como único meio de ensino/aprendizagem (KENSKI, 2011). O site Nzinga.COM, como produto didático para o ensino das relações étnico-raciais, se constitui como uma estratégia metodológica tecnológica pautada no entendimento de que os ambientes virtuais se configuram como frutíferos meios para situações de aprendizagem, seja em espaços formais ou não. No contexto histórico em que as redes sociais têm se configurado como meio e espaços de sociabilidades, as tecnologias da informação podem contribuir significativamente para que professores e as professoras da educação

básica a utilizem como estratégia metodológica no contexto de suas práticas cotidianas de docência.

Segundo Kenski,

> [...] a internet é o lugar possível de integração de todas as pessoas conectadas com tudo o que existe no espaço digital, sendo a mesma mais que uma interligação de computadores, e se constituindo por articulações entre pessoas conectadas com os mais diferenciados objetivos. (2011, p. 79)

Nzinga.COM é um site que utiliza da integração proporcionada pela internet para levar a professoras e professores, estudantes e demais membros da sociedade civil, informações e conteúdos relativos a gênero e sexualidade atrelados ao racismo como propiciadores de evasão escolar.

Moran, Masetto e Behrens (2011) afirmam que “a internet é uma mídia que facilita a motivação dos alunos devido à novidade que os recursos podem apresentar e pelas possibilidades abundantes de pesquisa que disponibiliza”, (p. 15). Os temas e as questões aqui em apresentação estão disponibilizados no Nzinga.COM em forma de depoimentos, conceitos, vídeos e outras maneiras de estimular estudantes e professores nos seus processos de pesquisa e produção de conhecimento com os quais melhor tratarão dos aspectos sociais de gênero, sexualidade e etnia que promovem a exclusão em sala de aula. Sobre o uso de tecnologias para ampliar o alcance do conhecimento Kenski nos diz que:

> [...] as tecnologias ampliam as possibilidades de ensino para além do curto e delimitado espaço de presença física de professores e alunos na mesma sala de aula. A possibilidade de interação entre professores, alunos, objetos e informações que estejam envolvidos no processo de ensino redefine toda a dinâmica da aula e cria novos vínculos entre os participantes. (KENSKI, 2011, p.88).

Esta criação de vínculos também é um dos objetivos do site pois, ao possibilitar a inserção de depoimentos de professores, professoras e estudantes que tenham vivenciado situações de exclusão, o mesmo faz com que estes indivíduos possam ter a oportunidade de se aproximar, trocar experiências e pensar maneiras de combate à discriminação.

Segundo Galasso & Souza (2014) “o aprendizado que ocorre no ambiente virtual dispensa hierarquias, ao contrário, se baseia no empenho coordenado em busca de um objetivo comum”, p. 57). Quando escolhi produzir um site como produto

didático não pretendia construir uma página apenas para fornecer informações ou construir uma concepção compartilhada de modo coordenado e singular. Assim desde o momento em que o Nzinga.COM foi se desenhando para mim, o vislumbro como um site temático através do qual o aprendizado das relações étnico-raciais se configurasse em um processo de interação e de partilha entre os internautas.

À medida que as novas tecnologias vão cada vez mais se sofisticando, estas se apresentam como ferramentas que contribuem para outras formas de ensinar, para a aprendizagem e para práticas de interação e sociabilidades, um processo dinâmico que não tem fim. As tecnologias de informação e comunicação, de maneira geral, mas especialmente a internet, contribuíram para que se operacionalizem mudanças na concepção de ensinar e aprender e assim ultrapassar uma etapa na qual os livros didáticos se configuram ainda majoritariamente como recursos didáticos. Utilizar um site como instrumento no ensino das relações étnico-raciais se constitui como uma eficiente forma de disponibilizar materiais didáticos e também como espaço de compartilhamento.

Para Dillenbourg (2019), um website educacional não é, necessariamente, um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), pois este se caracteriza por ser um ambiente virtual desenvolvido para ajudar professores e tutores no gerenciamento de conteúdos e materiais complementares para os seus alunos e na gestão completa de cursos online. No caso dos websites, os mesmos devem ser inovadores e capazes de estimular seu público-alvo, para que o mesmo realize o acesso e sinta motivado a navegar no mesmo.

Neste sentido, o Nzinga.COM se propõe tanto a ser um site educacional quanto um AVA, pois disponibilizará textos para leitura e consulta que podem ajudar na prática docente, mas também pretende promover a interação com os usuários ao colher informações de professores e alunos a respeito de suas vivências no ambiente escolar no que diz respeito à questão das discriminações interseccionadas de gênero e raça.

O processo de criação e montagem de um ambiente virtual para o ensino das relações étnico-raciais tem sido prazeroso e gratificante, pois, vem me transformando a cada dia através do conhecimento e reforçando minha capacidade de discutir os assuntos referentes ao mestrado ao qual escolhi me dedicar. Nesta caminhada passei por muitos percalços, mas acredito que imersão no mestrado tem me dado forças para continuar nesta luta pelos direitos daqueles que sofrem preconceito seja por etnia ou

por raça, pois acredito ser esta uma de minhas missões nesta existência.

Apesar da invisibilidade e do silenciamento reforçados pela sociedade e, especialmente pela escola, que visa “podar” as possibilidade de enfrentamento à violência imputada aos que destoam do padrão de etnia e sexualidade impostos pela formação eurocêntrica, o produto aqui apresentado, inspirado na Rainha Nzinga Mbandi Ngola, rainha de Matamba e Angola, que viveu de 1851 a 1663 e foi ícone da resistência à ocupação do território africano pelos portugueses, pretende também ser instrumento de luta, não contra uma ocupação física declarada, mas contra uma “ocupação mental” silenciosa que impede que o ambiente escolar reflita sobre a diversidade na escola e nela possa intervir.

3.3 Pesquisa e seleção dos textos, imagens e áudios do nzinga.com

O processo de pesquisa de textos, imagens e áudios acompanhou todo o processo do mestrado e vem sendo realizado constantemente através de pesquisas em sites como Scielo.com, Google acadêmico, Youtube e outras publicações relacionadas com o tema. Os vídeos que compõem o site foram editados e analisados minuciosamente para que os mesmos possam ser utilizados em sala de aula pelos professores que poderão tratar do tema relacionado com gênero, sexualidade e relações étnico-raciais com os/as estudantes. A princípio fora feita uma edição do documentário “Depois da tempestade: A LGBTfobia na escola”, lançado em 2018 e dirigido por Bruno Moura, cujo conteúdo apresenta falas de vários personagens segregados por serem gays ou negros, ou por apresentarem ambas as características em um só corpo.

No tópico **“conceitos”** o internauta encontrará as definições de gênero, sexualidade, orientação sexual, identidade sexual, transexualidade, transgeneridade e androcentrismo, racismo, heteronormatividade, raça, misoginia, travesti, homofobia, etnocentrismo, intersexuais

O tópico **“conteúdos”** apresenta na aba – O ambiente escolar – textos sobre a questão étnico-racial na escola, fala sobre o silenciamento da diversidade no ambiente escolar, aborda a realidade sobre a orientação sexual e a identidade de gênero na escola, tratando ainda de temas como “o ambiente escolar e a promoção da igualdade”, “a relação entre diversidade e exclusão neste ambiente” e “a

permanência do estudante na escola.

Ainda no tópico relativo aos conteúdos disponibilizados pelo site, é possível encontrar informações acerca do preconceito como dados que demonstram que a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado; em que a expectativa de vida dos negros é seis anos a menos do que a dos brancos; em que 75% da população mais pobre é negra; em que apesar de ser mais de 54% da população nacional, negros são minoria no congresso, na academia, na televisão e em todos os espaços de poder da sociedade (CARNEIRO, 2011). Além de serem dispostos nesta aba vídeos de jovens estudantes falando sobre o tema.

A discussão sobre o etnocentrismo, a superação das discriminações e discursos racistas sexistas e homofóbicos também pode ser encontrada no Nzinga.com através de textos que podem ser utilizados em sala de aula como forma de estimular a reflexão sobre os temas propostos.

O site traz também um espaço destinado aos professores no qual os mesmos podem encontrar sugestões de ações a serem realizadas em sala de aula no sentido de problematizar a questão da evasão de alunos negros/gays ou daqueles que sofrem qualquer tipo de preconceito referente à etnia, raça, gênero ou classe. Neste tópico ainda é possível o compartilhamento de reflexão e relatos a respeito das discriminações vivenciadas pelos professores no ambiente de trabalho.

Os estudantes também podem relatar suas vivências relacionadas com a discriminação no ambiente escolar através de uma área destinada a este fim na qual o site busca obter estes depoimentos para que através dos mesmos outros alunos possam ser estimulados a também relatarem situações de preconceitos, interseccionados ou não, vivenciados durante suas vidas escolares.

Nzinga já foi apresentado para alguns alunos e professores e os resultados obtidos após as apresentações demonstram que realmente havia a necessidade de um material que abordasse a questão da sexualidade e do gênero sem deixar de levar em conta a questão do racismo e do preconceito cruzado que incide sobre os corpos de muitos estudantes.

Figura 2: Apresentação do Nzinga.com no Colégio Henrique Brito de Teixeira de Freitas-Ba.

Fonte: Arquivo pessoal.

4. O Nzinga.COM e a promoção do ensino das relações étnico-raciais

O ensino das relações étnico-raciais deve proporcionar o diálogo entre culturas para que se possa buscar mudanças e discutir contra quais comportamentos excludentes e racistas se deve lutar e identificar quais pedagogias precisam ser pensadas e mudadas. Nzinga.COM oferece diversos materiais para serem utilizados por educadores e educandos e que trazem informações a respeito das implicações da cor da pele na homossexualidade, diálogos que subordinam a mulher negra e o homossexual negro à autoridade da cultura hegemônica, a fragilidade das categorias tidas como inferiores, as questões do preconceito no ambiente escolar, até questões relacionadas com a experiência de ser negro e gay em um ambiente escolar no qual as construções de etnia, sexo e gênero são próprias de uma humanidade subalternizada.

A escola não é uma instituição dissociada da sociedade, muito pelo contrário, a mesma pode reproduzir contradições, equívocos históricos, sociais, raciais e de tantos outros segmentos. O professor deve possuir cada vez mais meios para propor uma educação antirracista e descontruir aquilo que o antropólogo Kabengele Munanga (2002, p. 19) denominou de “engenharia racial brasileira” e para isso são necessários cada vez mais produtos educacionais que sirvam a este propósito.

Somos frutos da história, das lutas e resistências e das relações complexas entre agentes sociais, discurso e as instituições. Sendo assim, conforme Pinho (2004), não podemos viver as nossas identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe, por exemplo, à prestação ou de forma hierarquizada, essas não apresentam uma visão linear; mas em contrapartida, são fluídicas, parciais, contraditórias, instáveis, voláteis e mutáveis. Dessa forma, Nzinga.Com se apresenta como um produto que pensa nesses marcadores sociais através de uma perspectiva interseccional que pode afetar a permanência dos alunos na educação básica, pois como afirma Osmundo Pinho (2004):

> No mundo real os sujeitos se produzem através da interseção de diferenças e desigualdades diversas. A interseção ou combinação dessas diferenças produz novas diferenças, então, não é apenas uma soma, ou seja, uma bicha preta não é um sujeito que acumula duas identidades, é outra posição diferente que é produzida através dessa interação ou dessa confluência. (p.129).

Sendo assim, a interseccionalidade transpõe a soma das dominações ou arranjos de identidades e diferenças. Nos possibilitando uma visão rizomática e transdisciplinar diante da complexidade das identidades e das desigualdades sociais, através de uma abordagem integrada (POCAHY, 2011). Esta interseccionalidade como forma de maximização da discriminação que interpela exclui não deixa de fora o ambiente escolar, muito pelo contrário, é neste meio que ela encontra espaço para a sua afirmação como forma de discriminação. Neste sentido, é necessário que sejam pensadas formas de combate a todos os tipos de discriminação sejam eles por um motivo isolado ou quando se encontram aumentados pela intersecção de marcadores sociais.

Nzinga.COM aposta na perspectiva interseccional entre racismo e homofobia, pois, segundo Oliveira (2017), os estudos interseccionais entre homofobia e racismo no Brasil ainda são incipientes. Isso pode estar relacionado com a pouca representatividade de homossexuais, gays ou de bichas pretas no movimento negro ou no movimento gay. Por outro lado, denuncia também um número reduzido de pesquisadores homossexuais, gays ou bichas nas universidades de nosso país, podendo este último fato ser produto da evasão forçada que estes indivíduos sofrem na educação básica.

O estudante negro baila no jogo das interseccionalidades como vítima de um racismo que o constrói viril, com apetite sexual voraz e com pênis avantajado; no entanto, com uma pitada de homofobia, “se o estereótipo do homem negro viril e superdotado sexualmente é utilizado para afirmar sua cis heterossexualidade, também o é para negar a sua homossexualidade” (OLIVEIRAA, 2017, p. 20). Essa negação da homossexualidade é reforçada nas práticas do ambiente escolar que, por si só, já não favorecem os indivíduos negros, pior ainda se os mesmos forem gays e afeminados.

A questão do gay negro ainda carece de muitos estudos na busca pelo desfazimento de inúmeros equívocos que contribuem para dificultar a vida destes indivíduos, que também necessitam ter sua abordagem refletida nas publicações a respeito das relações étnico-raciais. Equívocos estes que podem ser vistos nas obras de muitos celebres autores, como por exemplo Franz Fanon (2008), que junto com outros escritores irão ver a homossexualidade como algo totalmente negativo e, por isso, “irão rejeitar a ideia de que ela possa ser praticada por homens negros e sugere

que os intercursos sexuais com homens brancos estavam atrelados não ao desejo, mas a situações pontuais", (OLIVEIRA, 2017, p. 21).

Estes jovens negros gays que desmontam a "narrativa convencional refletida no ambiente escolar" (CONELL, 1995) que rege a masculinidade negra são ferozmente hostilizados e execrados de seu meio; pois, segundo Silva Júnior, baseando-se em Fanon (2008), no imaginário coletivo "a homossexualidade é uma forma de perversão da cultura branca, pois não existem homossexuais negros" (SILVA JÚNIOR, 2014, p. 57).

Desse modo, "os negros homossexuais têm grande dificuldade de ser aceitos pelo grupo de homens negros, passando a serem vistos como o outro" (SILVA JÚNIOR, 2014, p. 57), principalmente, quando irrompem o estereótipo de "negão pegador" ou da performance sexual esperada/desejada (serem ativos). Importante lembrar que o desenvolvimento da sexualidade que se foca no outro está intrinsecamente atrelado ao período em que estes jovens se encontram no sistema educacional, que não raramente promove o seu silenciamento e a vergonha de ser quem realmente é, obrigando-os a recalcar os seus desejos, a disfarçar seus trejeitos e impondo-lhes grande sofrimento psíquico (OLIVERIA, 2017, p.22).

Se por um lado, o racismo, o antissemitismo, a misoginia ou a xenofobia são formalmente condenados pelas instituições escolares, mesmo que mascaradamente; por outro lado, a homofobia continua a ser considerada uma opinião aceitável, vista, ao longo de séculos, como pecado, crime ou doença. Dentro dessa perspectiva o jovem ou adulto LGBT se encontra e, com isso, Rogério Diniz Junqueira (2009) diz que "a escola se configura como um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens e adultos LGBTs, principalmente quando são negros" (p.16).

Sendo assim, a partir desses pressupostos, desde cedo o jovem/adolescente LGBT negro será imerso em uma espécie de "pedagogia do insulto" (JUNQUEIRA, 2009), que consiste em um tratamento preconceituoso, ofensivo, constrangedor, com a presença de ameaças e agressões físicas ou verbais, em que se estrutura em meio a piadas, brincadeiras, jogos, apelidos e expressões desqualificantes. A "bicha preta" é violentada de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso no ambiente escolar, como afirma Neusa Santos Sousa (1983), por uma dupla injunção: a de encarnar no corpo os ideais de "Ego do sujeito branco" (ser macho, heterossexual,

burguês) e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro/gay/infantil/feminino.

Apesar do foco na questão do gay negro, Nzinga.Com também aborda, como instrumento pedagógico para o ensino das relações étnico-raciais, a busca pela desconstrução da negação de um estatuto humano (desumanização) para todos (negros, indígenas, mulheres, pobres, gays, lésbicas, transexuais, travestis...) que "escapam" da referência hegemônica de sujeito, propondo ser um site que disponibiliza materiais de reflexão a respeito deste poder coercitivo e impositivo, que circula no interior das escolas, fazendo com que meninos e meninas que não se adequem a normas antinaturais inventadas sejam obrigados a se conformarem dentro de um determinado padrão de masculinidade e de feminilidade.

Os passos de desconstrução oferecidos pelo Nzinga.COM encontram muito de suas fontes nos trabalhos de Judith Butler (2004) que afirma que concepções de gênero seguem desfazendo personalidades, dificultando e minando a capacidade de se preservar uma "vida vivível".

Estes passos de desconstrução interessam à escola, sem dúvida, mas devem ir além do ambiente escolar e promover a conscientização de professores e alunos no intuito de torná-los disseminadores sociais de conhecimentos que esclareçam os motivos de determinadas discriminações serem maximizadas, fazendo com que os mesmos possam contribuir para uma reflexão atrelada à ação de mudança no campo das relações étnicas que perpetuamos em nossa sociedade.

O Nzinga.COM se constitui como uma contribuição metodológica para o ensino das relações étnico-raciais por oferecer materiais no sentido levar os professores da Educação Básica e o Público em geral a uma reflexão sobre as temáticas de gênero, raça, etnia e sexualidade. O site disponibiliza informações sobre a atuação das escolas na produção de gênero, a discriminação das diferenças no meio escolar, dentre outros temas que precisam ser problematizados para que possa haver um melhoramento das práticas pedagógicas, fazendo destas práticas um instrumento de inclusão e permanência no ambiente escolar.

Assim, tem-se em Nzinga.COM um produto construído com base nos ensinamentos teóricos proporcionados pelas disciplinas cursadas no mestrado em Relações Étnico-raciais que, atrelado às práticas de pesquisa e intervenção, surge como produto para a educação básica, cuja produção não se encerra na simples

colocação de conteúdos em um site, mas pretende proporcionar um debate contínuo a respeito das questões de gênero, sexualidade e relações étnico-raciais.

Nzinga.Com segue sendo um instrumento de reflexão e debate e tem sido levado a eventos que visam problematizar a questão da diversidade, buscando formas de enfrentamento, não só na comunidade escolar, como na sociedade como um todo. Um exemplo disso foi o trabalho apresentado no I Encontro de Diversidade da UFSB, realizado no dia 19 de agosto de 2019, no qual, não só os acadêmicos, como alunos de colégios públicos de Teixeira de Freitas puderam conhecer o site e opinar a respeito dos conteúdos.

Figura 3: Palestra sobre problemáticas enfrentadas pelo gay negro no ambiente escolar. I Encontro de Diversidade da UFSB.

Fonte: Arquivo pessoal

5. Considerações Finais

O processo de criação e montagem do Nzinga.COM se caracterizou por um percurso de ampliação de vozes historicamente silenciadas de pessoas discriminadas, pois, desde o começo de sua elaboração e durante os cursos aplicados como parte do projeto, que levaria a esta construção, já foram debatidos temas que buscavam estimular a reflexão construtiva sobre ações educativas que podem promover o respeito à diversidade, a busca pela história real dos povos africanos, o entendimento a respeito das questões de gênero e a análise a respeito da carga de preconceito que recai sobre alguns corpos negros e homossexuais.

Nzinga.COM é um produto para o ensino das relações étnico-raciais que pode ser útil na realização de debates a respeito de temas como gênero e sexualidade sob uma visão que engloba aspectos sociais e étnico-raciais, levando em consideração que a intersecção de marcadores identitários de exclusão social pode levar alunos de diferentes identidades étnico-raciais, sexuais, de gênero, classe social, dentre outras que não são fixas ou permanentes, a abandonarem o ambiente escolar por falta de acolhimento.

O site não busca promover no meio escolar uma celebração acrítica da diversidade, mas sim que os professores tenham elementos para reconhecer que a formação social, política, histórica, linguística e cultural é influenciada por diferentes contribuições étnico-raciais que ajudam na formação das individualidades destes sujeitos que se encontram na escola e possuem o direito de serem reconhecidos neste espaço.

No que se refere especificamente ao educador, além de todo o material exposto no site, objetiva-se que o mesmo tenha em Nzinga.COM textos, vídeos, reportagens e outras fontes para uma abordagem sistematizada da diversidade étnico-racial e de gênero na escola, levando-se em consideração a ideia de que essas experiências de preterimento atravessam todo o processo de ensino-aprendizagem, e que o fato de não dar visibilidade para essas questões é um dos principais dificultadores da construção de uma educação antirracista e de qualidade.

Esta educação antirracista, principalmente no momento político e social no qual estamos vivendo no Brasil, pode e deve proporcionar materiais que visem expandir a discussão a respeito do ensino das relações étnico-raciais como forma de reflexões necessárias no contexto de injustiças, incompreensões, isolamentos, preconceitos e

discriminações que foram enraizados na educação e precisam ser revistos, especialmente agora, após a eleição de um presidente de perfil homofóbico, racista e propagador de discurso fascista que busca a retirada de direitos, liberdades e expressões de pensamento e que afirma que a escola não é local para se discutir a diversidade e muito menos proporcionar sua inclusão.

Este memorial é um relato dos passos de construção do produto didático Nzinga.com. No entanto, o mesmo fala, mesmo que brevemente, das experiências pessoais que obtive durante este processo e relata uma trajetória que foi capaz de me tornar mais maduro em diversos aspectos, dando um novo significado para a minha atuação como professor e me fazendo sonhar com uma sociedade em que a escola combata todas as formas de preconceito e acolha seus alunos de forma que valorize suas particularidades e os incentive a sonhar com uma sociedade mais justa.

Referências

ALLY, M. Foundations of Educational Theory for online learning. **Theory and Practice of Online Learning.** Theory and Practice of Online Learning Athabasca: cde.athabascau.ca/ online_book, 2004, 421p.

ASSMANN, H. **A metamorfose do aprender na sociedade da informação.** Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importam.** Buenos Aires: Paidós, 2003.
CONNEL, R. W. Políticas da masculinidade. Educação & Realidade, v.20, nº2, UFRS, Porto Alegre, 1995.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importam.** Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAPES. Portaria 80/98. Disponível em: http://www.capes.gov.br/. Acesso em 07 de novembro de 2018.

DILLENBOURG, P. **Virtual Learning Environment.** Disponível em: https://telearn.archives-ouvertes.fr/hal-00190701/document . Acesso em: 08 abr.2019.

FANON, F. **Pele Negra, máscaras Brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FIORENTINI, D. **Rumos da pesquisa brasileira em educação matemática: o caso da produção científica em cursos de pós-graduação.** Campinas, São Paulo: Unicamp, 1994. (Tese).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005a.

GARCIA, Cláudia e DA SILVA, Rosimeri Aquino. **A escola e as relações de gênero e de sexualidade na atualidade**.Ed. Mulheres.2010

GALASSO, José Betti; SOUZA, Denise Trento Rebello de Souza. **Educação online colaborativa: implicações teórico-metodológicas de uma nova modalidade de ensino e aprendizagem.** In Revista História Hoje, ANPUH, v. 3, n. 5, p. 43-60, 2014. Disponível em: https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/viewFile/125/99, acesso em 07/04/2019.

GOELLNER, Silvana V. A cultura *fitness* e a estética do comedimento: as mulheres, seus corpos e aparências. In: STEVENS, Cristina M. T.; SWAIN, Tânia N. (Org.). **A construção dos corpos. Perspectivas feministas.** Florianópolis: Editora Mulheres, 2009, p. 245-260.

GOHN, M.G. **“Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas”**. Rio de Janeiro: Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas Educacionais. 2006, vol 14, no 50, p.27-38.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia nas escolas: um problema de todos. I**n:_____ (Org.) Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília (DF): Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009 p. 13-52.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 01, 27 nov. 2012.

KABENGELE, M. Introdução. In: REIS, E. de A. dos. **Mulato: negro–não-negro e/ou branco– não-branco.** São Paulo: Altana, 2002. p.19-21.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: novo ritmo da informação.** Campinas: Papirus, 2011.

LIMA, A.; CERQUEIRA, F. A. **Identidade homossexual e negra em alagoinhas**. In: Bagoas estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 1, n. 1, p. 269-286, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação:** uma perspectiva pósestruturalista. 10. ed. Petrópoles: Vozes, 2008.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pósestruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUCION, C. **Homofobia na Escola Pública.** Paraná, 2011. Disponível em: Acesso em: 15 de abril de 2019.

MACHADO, Paula S. **O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural.** Cadernos Pagu (24), p. 249-281, janeiro-junho de 2005.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas: Papirus, p. 10-20, 2011.

MOREIRA, M. A. **O mestrado (profissional) em ensino.** Revista Brasileira de Pós-Graduação, Brasília, v. 1, n. 1, p. 131-142, jul. 2004.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

PARAÍSO, Marlucy. **Currículo e aprendizagem: relações de gênero e raça na escola.** 2006. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/M/Marlucy_Alves_Paraiso_23.pdf.

Acesso em 19/08/2019.

PINHO, O. S. A. A Guerra dos Mundos Homossexuais - resistência e contra-hegemonias de raça e gênero. In: Luis Felipe Rios; Vagner de Almeida; Richard Parker; Cristina Pimenta; Veriano Terto Jr. (Org.). **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde.** Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids, 2004, v. 1, p. 01-196.

POCAHY, Fernando Altair. **Interseccionalidade e eduação: cartografias de uma práticaconceito feminista.** Textura. jan./jun. 2011, n.23, p. 18-30.

PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA. Disponível em: http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios_de_yogyakarta.pdf. Acesso em 01 de novembro de 2018.

QUADRADO, Raquel Pereira. (Org.). **Corpos, gêneros e sexualidades**: questões possíveis para o currículo escolar. Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2007. p. 15-21.

RIBEIRO, R. J. **O mestrado profissional na política atual da Capes.** Revista Brasileira de Pós-Graduação, v. 2, n. 4, p. 8-15, 2005.
ROSA, Waldemir. **Homem Preto no Gueto: Um estudo sobre masculinidade no Rap brasileiro.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília, 2006.

POCAHY, Fernando Altair. **Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática- conceito feminista.** Revista Texturas, n. 23, p. 18-31, jan./jun. 2011. Disponível em: Acesso em: 20 de maio de 2019.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. **Quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça interrogam as práticas curriculares: um olhar sobre o processo de co/construção das identidades no cotidiano escolar.** 2014. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro: IFCHS, 2014.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SEFFNER, Fernando. **Escola para todos: mesmo para aqueles que manifestam diferenças em sexo e gênero?**. Paidós. 2004.

SOUZA, Nádia Geisa Silveira de. **O corpo como uma construção biossocial: implicações no ensino de Ciências.** In: RIBEIRO, Paula Regina Costa.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

WEEKS, J. **Corning out: homosexual politics in britainfrom the nineteenth century to thepresent.** 2ª ed. Londres: Quartet, 1999.